



***Discorra sobre os principais contextos oratórios da Roma republicana, usando exemplos dos discursos estudados em sala de aula.***

---

Na Roma Republicana, a assembleia popular ocorria no fórum, ao ar livre, numa plataforma elevada a uns quatro metros. O orador se dirigia ao povo, não necessariamente a plebe, poderia ser a um corpo de cidadãos, cavaleiros, senadores etc. O orador era o magistrado ou alguém que ele chamava ou intimava. Os temas tratados eram “os informes senatoriais”, “discussões de leis” e “políticas”, isto é, autopromoção ou de aliados e ataque aos inimigos.

Normalmente, para conquistar a plateia, os oradores se colocavam ao lado do povo e contrários a aristocracia. Em *De Oratore*, Cícero recomenda que o orador, quando participar da assembleia popular, organize-se em três etapas principais:



- Caracterização geral do público, devido à multidão (na casa dos milhares), a tribuna deve ser o maior palco do orador, o que repercute em seu discurso que deve ter uma grandiloquência adequada;
- Problemas que serão tratados com suas possíveis soluções;
- Urbanidade, agilidade para improvisos, ajustando os discursos, sendo o humor uma ferramenta muito útil para cativar o público.

No perfil ideal do orador/senador deve haver autoridade para persuadir ou dissuadir, sabedoria, honestidade, inteligência para prever e antecipar (sempre com prudência) e articulação para expressar-se de forma persuasiva.



Considerando estes aspectos principais, podemos ilustrar contextos que foram tratados pela oratória na república romana.

Em 66 a. C., foi proposta a Lei Manilia que tratava sobre o principal comando militar de Roma, o qual era pretendido por Cneu Ponpeu. O trabalho de Cícero tinha como fim fazer com que esta lei fosse aprovada na assembleia popular. A autoridade de Cícero era embasada em cargos que ele já havia ocupado antes, como questor e *edis curius*, e agora era pretor. Ele era também bem conhecido por sua atuação no fórum. Dirigindo-se aos romanos, Cícero antecipa uma possível crítica do público, por ser aquela a primeira vez que ocupava a tribuna. Ele argumenta que não foi por achar



aquele espaço de menor importância e sim que estava se preparando para ser digno de ali falar. Sendo Pompeu o líder mais popular da época, o discurso de Cícero foi centrado em louvá-lo, não tendo muito trabalho para a aprovação desta lei.

Em 63 a. C., ano do consulado de Cícero, ocorreu um questionamento da eleição dos cônsules para o ano seguinte. Todos os anos eram eleitos dois cônsules, isto evitava a autocracia, pois um fiscalizava o outro. Neste ano de 63, foram eleitos, Lúcio Licínio Murena e Décimo Júnio Silano. A dupla perdedora, Sérvio Sulpício Rufo e **Lúcio Sérgio Catilina**, questionou a eleição. Para que o ano seguinte não começasse sem os cônsules ou **ter** que fazer uma nova eleição, Cícero como orador junto com **Hortêncio** (também um grande orador) e Crasso (o homem mais rico de Roma) defenderam a dupla vencedora. No entanto, Cícero não estava numa situação muito confortável, já que era muito amigo de Sulpício Rufo, inclusive tendo apoiado sua candidatura ao consulado.

Hortêncio e Crasso desenvolveram a parte técnica e coube a Cícero fazer a defesa propriamente dita. Como era amigo de Rufo e **este tinha como defensor um dos cidadãos mais austeros da época, Marco Pórcio Catão**, a estratégia de defesa desenvolvida por Cícero foi não atacar diretamente o amigo ou seu defensor, mas a escola estoica a que pertencia Catão. Cícero usa da ironia, desmoralizando o estoicismo. Não tenta destruir o adversário, mas o desmoraliza.

Cícero demonstra muita habilidade (articulação) em ilustrar como a filosofia estoica pode ser idealista, por exemplo, não faz diferença roubar um tostão ou um milhão, em ambos os casos se caracteriza um crime grave. A comparação usada por Cícero é, seguindo esta linha de raciocínio, esganar um galo (matar por matar, sem intenções culinárias) ou o pai seriam também crimes equivalentes.

Outro recurso usado por Cícero é usar o que Catão tinha dito contra ele próprio. Recorda, que durante a campanha para cônsul, havia sido dito que alguém seria processado. Porém, o que realmente foi dito é que qualquer um que vencesse e tivesse subornado outros para vencer seriam processados. Assim, Cícero caracteriza Catão como alguém intransigente, como se este não fosse aceitar o resultado democrático da eleição.

Por fim, Cícero encerra lembrando a filosofia aristotélica, a de a sabedoria estar no meio termo, Catão estaria sendo movido por vingança. Se este fosse mais moderado, ele não estaria se prendendo a detalhes, como se dissesse “Murena não subornou foi apenas generoso em doações”.

Em 46 a. C., no discurso “Em Defesa de Marcelo”, Cícero trabalha uma oposição bem elaborada, ele opõe a grande obra militar de César a sua benevolência de ter perdoado Marco Marcelo, como se esta benevolência fosse superior a tudo que César fizera na área militar.

Perdoar Marcelo, para César foi apenas uma jogada política, ele tinha interesse em parecer benevolente com seus inimigos secundários, aqueles que nunca apresentaram grandes riscos ao seu poder. Principalmente, os que apenas tinham falado demais. Com certeza, Cícero sabia disto, num discurso muito bem construído, ele em diversos momentos tece elogios e reconhecimentos à grandiosidade de César, porém em inúmeras ocasiões, usando o recurso de conjunções adversativas, consegue dizer a César, coisas que poucos ousariam.

O cerne da argumentação de Cícero está em cobrar de César a reconstrução da república romana. Como se ele tivesse uma dívida com todos os romanos. Em resposta a uma fala de César de que não teria muito tempo de vida, Cícero chega ao requinte de não aceitar esta possibilidade, sem que César limpasse antes a sujeira (obviamente não usou esta palavra) que fez nas instituições da República Romana.